

Economia - Brasil Economistas prevêem recomposição salarial

E projetam perdas menores para este ano em relação às de 99

A onda de otimismo em relação à economia brasileira finalmente bateu no bolso dos trabalhadores, que acumularam pesadas perdas salariais nos últimos dois anos. Economistas, institutos de pesquisa e técnicos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) já falam em recomposição da massa de rendimentos no Brasil e da renda dos empregados. A massa salarial é a soma de todos os rendimentos, ou seja, tem a ver não apenas com poder de compra, mas também com a recuperação do estoque de empregos.

Os especialistas também estão acreditando numa recuperação da renda no segundo semestre. Na média deste ano, a renda ainda deve ter perdas, mas em nível muito menor do que no ano passado. O economista Gustavo Madi Rezende, da LCA Consultores, reviu sua previsão feita em fevereiro, que apontava queda de 3,1% na massa de rendimentos e de 2,6% no rendimento médio real dos ocupados este ano. Agora, ele fala em aumento de 1,3% na massa e queda de apenas 1,5% nos rendimentos médios dos trabalhadores.

“Em pouco mais de dois meses, deu para sentir melhora substancial da economia”, afirma. O Produto Interno Bruto (PIB) calculado pelo IBGE, por exemplo, teve alta de 3,08% no primeiro trimestre, em relação

ao mesmo período do ano passado. “Existe potencial para o estoque de empregos crescer 2,8% este ano”, diz Rezende. A LCA espera ainda aumento de 8% no crescimento de vendas de bens duráveis, como automóveis, eletrodomésticos e móveis.

A pesquisa Seade-Dieese apontou, de janeiro do ano passado a janeiro deste ano, queda de 9,5% no índice de rendimento médio real dos ocupados, e de 7% na massa de rendimentos. O diretor técnico da entidade, Sér-

gio Mendonça, faz agora previsões não positivas, mas muito mais alentadoras. Para ele, a massa poderá pelo menos parar de cair - variação zero - ou sofrer queda de algo próximo a 1%, interrompendo a trajetória que já dura alguns anos. “Mas o nível de emprego deve aumentar cerca de 2% no ano, o que possibilitará melhores negociações salariais, especialmente no segundo semestre”, afirma.

Mendonça não tem ilusões, contudo, de que esse início de recuperação vá propiciar, em

prazo mais longo, saltos de qualidade no emprego e na renda. “Teremos melhora este ano, se o quadro externo não atrapalhar”, explica. “Mas não voltaremos tão cedo à situação de 1997, antes da crise asiática”. Segundo disse, a economia brasileira está claramente apontando seu limite de crescimento, em torno de 3% ou 4% ao ano. Rezende, da LCA, concorda com ele. “Nem em 2001 teremos recuperado os indicadores de renda, massa e emprego de 1997”, prevê.

